



Article scientifique

Article

2013

Published version

Open Access

This is the published version of the publication, made available in accordance with the publisher's policy.

O signo em Ferdinand de Saussure : um campo chave para a chave dos campos

Bulea Bronckart, Ecaterina

How to cite

BULEA BRONCKART, Ecaterina. O signo em Ferdinand de Saussure : um campo chave para a chave dos campos. In: Traduzires, 2013, vol. 2, n° 1, p. 31–53.

This publication URL: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:81869>

O SIGNO EM FERDINAND DE SAUSSURE: UM CAMPO CHAVE PARA A CHAVE DOS CAMPOS

Resumo: Essa contribuição mostra as razões e a pertinência de um re-exame da teoria linguística de Ferdinand de Saussure. A primeira apresenta um caráter histórico e reescreve a biografia de Saussure, as circunstâncias de produção de sua obra, e os tipos de trabalhos que ele realizou. Em seguida, fornecemos as principais marcas cronológicas da edição/publicação do corpus saussuriano, e formulamos algumas notas, de ordem metodológica e terminológica. A segunda parte apresenta um caráter propriamente teórico e é dedicada à teoria saussuriana do signo. Examinamos em particular: as razões da elaboração da semiologia e o papel dessa noção no edifício saussuriano, a natureza e as propriedades do signo, enfim a importância de uma propriedade dos signos tão desconhecida, a saber a transmissibilidade.

Palavras-chave: História; (teoria do) signo; essência dupla; arbitrariedade; transmissibilidade.

Résumé: Cette contribution montre les raisons et la pertinence d'un réexamen de la théorie linguistique de Ferdinand de Saussure. La première présente un caractère historique et retrace la biographie de Saussure, les circonstances de production de son œuvre, et les types de travaux qu'il a réalisés. Sont ensuite fournis les principaux repères chronologiques de l'édition / publication du corpus saussurien, et sont formulées quelques remarques, d'ordre méthodologique et terminologique. La seconde partie présente un caractère proprement théorique et est consacrée à la théorie saussurienne du signe. Sont examinés notamment : les raisons de l'élaboration de la sémiologie et le rôle de cette notion dans l'édifice saussurien, la nature et les propriétés du signe, enfin l'importance d'une propriété des signes largement méconnue, à savoir la transmissibilité.

Mots-clés : Histoire ; (théorie du) signe ; essence double ; arbitraire ; transmissibilité.

O SIGNO EM FERDINAND DE SAUSSURE: UM CAMPO CHAVE PARA A CHAVE DOS CAMPOS

Ecaterina Bulea

Université de Genève
Tradução de Marcos Bagno

É legítimo perguntar o que justifica retornar, uma vez mais, à teoria do signo elaborada por Ferdinand de Saussure, de tal modo se acredita estar adquirida, admitida e, portanto, correta a concepção veiculada pelo *Curso de linguística geral* (1916, doravante *CLG*), segundo a qual o signo é uma entidade de duas faces, resultante da colocação em correspondência arbitrária e convencional de um “conceito” e de uma “imagem acústica”. Alguma justificação, contudo, poderia encontrar seu fundamento na descoberta, em 1996, por ocasião de obras realizadas na *orangerie* [‘estufa’] da casa da família em Genebra, de um conjunto de manuscritos de Saussure, que remontam, em grande parte, a notas inéditas de linguística geral¹: uma vez que elas não eram do conhecimento dos redatores do *CLG*, seria então o caso de examinar a conceitualização do signo que nelas se encontra, para em seguida confrontá-la à do *CLG*. Esse gesto, evidentemente, é de suma importância e nós o realizaremos no que se segue. Entretanto, e é a tese que defenderemos, a principal justificativa para o reexame da teoria do signo de Saussure se acha em sua profundidade intrínseca, na inesgotável pertinência das propostas semiológicas saussurianas tendo em vista, sem dúvida, o estado da linguística em sua época, mas também as questões e preocupações contemporâneas que perpassam as ciências que têm a linguagem como objeto ou instrumento de trabalho. O reexame da teoria saussuriana consiste, pois, tanto da análise dos “novos” manuscritos quanto de um olhar incessantemente renovado sobre o que se conhecia (ou o que se acreditava conhecer) da obra saussuriana; em outras palavras, de uma permanente reapropriação criadora dessa obra, levando em conta simultaneamente o contexto de elaboração das propostas teóricas e metodológicas que ali se encontram, de seu destino ulterior e de sua força heurística atual. Não se trata de modo algum, portanto, de um olhar nostálgico para trás, mas de um retorno a Saussure para dar um passo adiante.

Nossa contribuição se estrutura em duas partes. De caráter histórico, a primeira parte recorda brevemente alguns aspectos da biografia de Saussure, a fim de melhor compreender as circunstâncias de produção de sua obra e de situar os tipos de trabalhos que ele realizou. Oferecemos em seguida alguns marcos cronológicos acerca das condições de publicação do “*corpus* saussuriano”, o que nos levará a um conjunto de observações, de ordem metodológica e terminológica. A segunda parte apresenta um caráter propriamente teórico e se consagra à teoria do signo. Ali abordaremos as razões da elaboração da *semiologia* assim como o papel central dessa noção no edifício saussuriano, o que nos permitirá discutir principalmente as propriedades do signo e

¹ Essas notas foram publicadas inicialmente em 2002, sob o título *De l'essence double du langage*, na obra *Écrits de linguistique générale* (doravante *ELG*), editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Em seguida, foram objeto de uma nova transcrição e de uma edição crítica em 2011, por René Amacker, que considera mais acurado o título *Science du langage. De la double essence du langage* (ver SAUSSURE, 2011). Amacker também oferece uma versão ligeiramente diferente das circunstâncias da descoberta desses manuscritos: a viúva de Raymond de Saussure, filho de Ferdinand, é quem teria indicado, em 1996, a existência, na estufa da casa de Saussure, de um conjunto de documentos (cadernos, manuscritos, correspondência etc. pertencente tanto a Ferdinand de Saussure quanto a seu pai e, sobretudo, a Raymond), entre os quais figuravam essas notas inéditas de linguística geral.

sublinhar a importância de uma propriedade amplamente negligenciada e subestimada (apesar de tematizada por Saussure), a saber: a *transmissibilidade* dos signos.

1. A elaboração e a edição da obra de Saussure: aspectos históricos

1.1 Alguns elementos históricos

Ferdinand de Saussure (26 de novembro de 1857—22 de fevereiro de 1913) nasceu em Genebra, numa família pertencente à alta aristocracia genebrina; mas também uma família de eruditos: muitos dos Saussure estudaram e professaram sobretudo nos domínios das ciências e da filosofia. Ferdinand é filho de Henri de Saussure, geólogo e entomologista, e de Louise de Pourtalès, sendo o mais velho de oito filhos. Entre os ancestrais da família, não se pode deixar de mencionar Horace-Bénédict de Saussure, professor de filosofia e de ciências naturais, que é considerado como o pai da geologia e da mineralogia alpinas, e que é conhecido principalmente pela famosa escalada do Monte Branco, empreendida em 1787. Nicolas-Théodore, avô de Saussure, também foi naturalista e físico, e a ele se deve a descoberta de um mineral chamado *saussurita*.

Quanto a Ferdinand, fará estudos iniciais na Suíça alemã, na região de Berna, em seguida no Colégio e no Ginásio de Genebra. Durante esses anos, estuda principalmente alemão, grego e latim. Em 1872, quando tinha apenas 15 anos, redige com convicção e entusiasmo um *Ensaio para reduzir as palavras do grego e do alemão a um pequeno número de raízes*, trabalho cuja ideia central é a de ser possível, a partir de qualquer língua, remontar às raízes universais bi- e triconsonânticas, desde que se considere certas consoantes como equivalentes. Saussure submete o trabalho a Adolphe Pictet, professor de literatura comparada e amigo da família. Pictet, tendo percebido o quase absurdo científico do conteúdo, mas também a imensa clareza da argumentação, estimula o rapaz a perseverar nesse tipo de estudo, mas o desencoraja vivamente a buscar seja qual for sistema universal de linguagem. Apesar de seu caráter quase anedótico, o episódio não é sem importância. Em retrospectiva, pode se dizer justamente que a teoria saussuriana, e principalmente a conceitualização do caráter *radicalmente arbitrário dos signos* e do caráter *eminente social* dos valores que constituem um sistema de língua, põe de fato em apuros qualquer ideia de “semântica universal”. A influência de Pictet sobre Saussure foi bastante importante: foi também Pictet quem o aconselhou a estudar o sânscrito, o que Saussure começará a fazer, aos 16-17 anos de idade, como autodidata e se valendo da gramática de Bopp. E é o estudo dessa gramática que o levará a se interessar também pelos escritos mais técnicos de Bopp, e em seguida pelos de Curtius, no domínio da linguística comparada.

Aos 18 anos, curvando-se aos desejos dos pais e à tradição familiar, Saussure se inscreve na Universidade de Genebra, na Faculdade de Ciências Naturais, onde estuda durante um ano, de má vontade, a física e a química. Mas durante esse mesmo ano continua a estudar paralelamente o que de fato lhe interessa, ou seja, a filologia e a linguística comparada, e segue alguns cursos dessas matérias na Faculdade de Letras. Em 1876, pede a um dos amigos que o inscreva na Sociedade de Linguística de Paris, fundada dez anos antes, e começa a enviar curtos artigos a ela. E como, aliás, muitos de seus amigos genebrinos estudavam em Leipzig, seus pais acabam por aceitar que Saussure se dirija também para lá a fim de iniciar, finalmente e “oficialmente”, estudos de linguística indo-europeia.

1.2 O trabalho de Saussure e as condições de produção de sua obra

1.2.1 O período de Leipzig (e Berlim): 1876-1880

Saussure permanecerá quatro anos em Leipzig, de 1876 a 1880, e esse período marca o que se pode considerar como a primeira fase de seu trabalho, que se desdobra no quadro da linguística histórica e comparada, tal como era praticada sobretudo pelos neogramáticos. Na Universidade de Leipzig ou a título privado, Saussure faz cursos de persa antigo, celta, eslavo e lituano. Passa uma temporada de um ano em Berlim, onde continua a estudar o sânscrito e o celta e, segundo alguns comentaristas, já começa a se interessar pelos textos, mais exatamente pelas *lendas germânicas*. Enfim, de retorno a Leipzig, redige seu trabalho de conclusão de curso, o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, que se publica em dezembro de 1878. Em 1880 recebe o título de doutor, com uma tese intitulada *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, na qual aborda um tema de sintaxe, domínio que fora negligenciado tanto por Bopp quanto pelos neogramáticos.

Mas é o *Mémoire* de Saussure, bem mais que sua tese, que se torna conhecido, e não sem razão. Esse trabalho, que acabará por ser *a única obra publicada pelo autor em vida*, apresenta um interesse duplo. Do ponto de vista de seu objeto e, em parte, do método empregado, trata-se com efeito de um trabalho de linguística comparada: ainda hoje é considerado pelos especialistas como uma das maiores e mais importantes obras nesse domínio. Mas esse *Mémoire* é muito mais que isso, pois já é nesse texto que Saussure se opõe ao ponto de vista “atomista” de alguns comparatistas, isto é, ao estudo dos sons considerados isoladamente, preconizando a necessidade do *sistema* para compreender o vocalismo indo-europeu. Além da perspectiva sistêmica adotada, a reflexão de Saussure se fundamenta na ideia – absolutamente nova – da *interdependência entre a vertente fonética e a vertente morfológica da língua* ao longo de sua evolução (ver BÉGUELIN, 2003; BERGOUNIOUX, 2010). Por conseguinte, embora a técnica utilizada por Saussure nesse trabalho seja de fato comparatista, a perspectiva teórica subjacente difere notavelmente dela por tomar em consideração a estreita correlação entre as mudanças fonéticas que as palavras sofrem ao longo do tempo e a composição-decomposição dessas mesmas palavras em raízes, sufixos e desinências – dito de outro modo, em sub-unidades portadoras de sentido ou que contribuem para o sentido. Nesses dois aspectos, *a cofuncionalidade sistêmica* das unidades e a relação de *codeterminação entre vertente fonética e vertente semântica da língua* serão duas ideias-forças, dois pilares do que se tornará mais tarde sua linguística geral.

1.2.2 O período parisiense: 1880-1891

Em 1880, num cenário de relação difícil e de profundas divergências teóricas com os neogramáticos², Saussure deixa Leipzig e se instala em Paris, onde ficará por dez anos. O período parisiense de Saussure parece ser o menos conhecido, embora sua atividade tenha sido intensa e tenha se desdobrado em diversos planos. Saussure continua ali sua formação linguística: estuda principalmente o sânscrito e a filologia latina, segue cursos de iraniano e frequenta as aulas de Michel Bréal na École des Hautes Études. Em 1881, por proposta de Bréal que lhe cede seu curso, Saussure é nomeado “mestre de

² Os neogramáticos tinham manifestado muita hostilidade para com o *Mémoire*. Osthoff, por exemplo, criticou com ênfase precisamente a abordagem sistêmica.

conferências de gótico e de antigo alto alemão” naquela prestigiosa instituição, onde ensinará durante quase dez anos interpretação de textos, gramática e vocalismo de antigos dialetos germânicos, assim como gramática comparada do grego e do latim. Paralelamente, exerce a função de secretário adjunto da Sociedade Linguística de Paris, sendo também o redator-chefe dos memoriais da Sociedade. Durante esse período, ele publica, sobretudo nesses memoriais e em diversas obras de homenagem, umas duas dezenas de artigos de linguística histórica, fonética e etimologia (ver BALLY & GAUTIER, 1922). E é desse período que data um volumoso manuscrito sobre a fonética, e parecem já datar algumas notas sobre a linguística geral, que Saussure jamais publicou.

1.2.3 O período genebrino: 1891-1913

Em 1891, Saussure retorna a Genebra, onde é nomeado professor extraordinário de “história e comparação das línguas indo-europeias”, rubrica que mudará em 1906, quando é nomeado professor ordinário, desta vez de “linguística geral [atenção a este sintagma!] e história e comparação das línguas indo-europeias”. O período genebrino de Saussure é conhecido evidentemente pelos três cursos de linguística geral que ministrou entre 1907 e 1911: o primeiro curso em 1907, o segundo curso em 1908-1909, e o terceiro em 1910-1911. Mas esse quadro rápido tem de ser enriquecido e iluminado porque, de um lado, o trabalho de Saussure nessa época não se reduz de modo algum a esses três cursos; do outro, porque tampouco se pode considerar que suas reflexões sobre a linguística geral estejam integralmente contidas nesses três cursos ou que se reduziriam temporalmente a quatro anos. Desse ponto de vista, nos parece importante considerar três elementos.

O primeiro diz respeito às três *Conferências* que Saussure deu em sua chegada a Genebra, em 1891, para a inauguração de sua cátedra. Essas conferências são importantíssimas do ponto de vista teórico, pois nelas Saussure já expõe o essencial de suas ideias sobre o caráter *diverso* das línguas e sobre a essência *dinâmica* dos fatos de linguagem. No plano epistemológico, Saussure se opõe firmemente a toda “biologização” da linguística, a toda assimilação da língua a um organismo natural (como preconizaram Schleicher e seus continuadores), e sustenta que as línguas têm um caráter radicalmente *histórico*, e se é possível considerar que elas têm uma “vida”, essa vida outra coisa não é senão o *movimento incessante* que as caracteriza e que é inerente à sua natureza sócio-histórica (ver BULEA, 2005 e 2006). Assim, dizer que as línguas vivem é admitir que elas são fenômenos ininterruptos, contínuos (jamais se encontrou uma sociedade que se encontrasse, em dado momento de sua história, sem língua), mas que se transformam necessariamente e continuamente no *tempo* e no *uso*:

O primeiro aspecto, com efeito, sob o qual deve ser contemplada a ideia de *História* quando se trata da língua ou a primeira coisa que *faz* que a língua tenha uma história é o fato fundamental de sua *continuidade no tempo* – não estou dizendo, observem bem, de sua *fixidez* [...] mas de sua *continuidade*³. (*Primeira conferência*, in *ELG*, p. 151)

³ Nos trechos citados, os itálicos ou as maiúsculas são do texto original. Nossas ênfases eventuais serão em negrito.

Insistamos com Saussure no fato de que a continuidade da língua não é fixidez, não é imobilidade, ao contrário. As línguas continuam a ser enquanto mudam; ou, melhor, elas existem porque mudam, porque, no domínio da linguagem, mudar é o modo de ser:

Chegamos assim ao segundo princípio, de valor universal como o primeiro [...]: é o ponto de vista do *movimento da língua no tempo*, mas de um movimento que em nenhum momento, *pois tudo está aí*, chega a estar em conflito com o primeiro princípio da unidade da língua no tempo. Há *transformação*, e sempre e ainda transformação, mais em lugar algum há reprodução ou produção de um ser linguístico novo, com existência distinta do que o precedeu e do que o seguirá. Nada de línguas-mães, nada de línguas-filhas, mas uma língua uma vez dada que rolará e se desenrolará indefinidamente no tempo, sem nenhum termo prefixado para sua existência. (*Segunda conferência*, in *ELG*, p. 157).

Como mostram esses trechos, o teor das *Conferências* já basta para refutar a tese, imputada a Saussure, de que o sistema da língua seria um sistema fechado, autossuficiente, ou um sistema de relações fixas e imutáveis ou, ainda, um *sistema formal*, independente da “marcha do tempo” e da sócio-história humana.

O segundo elemento que mencionaremos diz respeito às *aulas* que Saussure deu, durante vinte anos, na Universidade de Genebra. Não se deve esquecer que Saussure, antes e além dos três cursos de linguística geral, ensinou regularmente sânscrito, gramática, fonética e etimologia grega e latina, gramática histórica do inglês, do alemão, do gótico e do antigo saxão, e a isso se acrescentam alguns cursos pontuais reativos à produções textuais: cursos sobre a versificação francesa, um curso sobre a *Canção dos Nibelungos* e alguns cursos sobre inscrições gregas e persas arcaicas. E diante dos múltiplos exemplos que figuram nos cursos de linguística geral, fica evidente que esses múltiplos ensinamentos alimentaram regularmente e puseram à prova da empiria suas reflexões propriamente teóricas. Recordemos também de passagem que os três cursos de linguística geral não foram nem similares nem homogêneos. Sua estrutura e conteúdo variaram de um ano para o outro, os conceitos mobilizados também mudaram e evoluíram, estando Saussure numa verdadeira postura de pesquisa e de reflexão, mas também de *didatização* de seu pensamento (ver BULEA, no prelo). E é por essa razão que as reflexões que aparecem em algumas de suas notas manuscritas, e sobretudo no manuscrito recuperado em 1996, *De l'essence double du langage*, são por vezes muito mais sutis do que aquilo que aparece nas anotações dos estudantes e, por conseguinte, no *CLG*.

E terceiro e último elemento que evocaremos diz respeito precisamente às *pesquisas* de Saussure. Como emerge das notas atualmente disponíveis, e embora sua datação exata seja difícil, é possível, por um lado, atestar que as reflexões concernentes à linguística geral, à semiologia, ao estatuto do signo etc. são bem anteriores aos três cursos. Além disso, e melhor ainda, Saussure preparava, entre 1893-94 e 1898, dez anos portanto antes dos cursos, um ou dois livros de linguística geral. Prova disso são as notas que o próprio Saussure designou como *Notes destinées à un livre sur la linguistique générale* (ou *Status et motus*), bem como o manuscrito *De l'essence double du langage*. Por outro lado, nos parece importante destacar que essas mesmas reflexões se acham retomadas, prolongadas ou completadas em estudos que Saussure conduziu em domínios claramente pertencentes à *textualidade* (estudos sobre as *Lendas burgúndias*, sobre os *anagramas*, sobre a métrica homérica etc.), datando dos anos 1900. Sem poder abordá-los aqui, ressaltamos simplesmente que não se trata de modo algum de preocupações

misteriosas, desconectadas da linguística, o sinal de um Saussure “noturno” e irracional, ou o indício de um Saussure desesperançado das “verdadeiras” pesquisas linguísticas. Um estudo atento dessas anotações mostra, pelo contrário, a profunda *coerência de conjunto* que caracteriza seu trabalho: Saussure parece buscar nos textos uma consolidação para o plano empírico-funcional de certas ideias e noções de linguística geral, sobretudo das noções de *identidade diacrônica*, de *valor* ou de *linearidade* dos signos.

1.3 A publicação da obra saussuriana e as consequências metodológicas das vicissitudes dessa publicação

A problemática da publicação da obra saussuriana é muito complexa. Mas é importante examiná-la na medida em que oferece indicações sobre as condições de *acesso* ao pensamento do autor ao longo do século XX e atualmente e, por conseguinte, sobre os *fundamentos* das interpretações dessa obras. Aqui vão os marcos principais.

Como já mencionamos, Saussure publicou muito pouco em vida (o *Mémoire* de Leipzig e alguns artigos) e principalmente nada publicou de seus trabalhos de linguística geral, considerando que suas reflexões não estavam amadurecidas o bastante. E como se sabe, o *CLG*, publicado em 1916 (três anos após a morte de Saussure) foi redigido por Charles Bally e Albert Sechehaye, com base em notas de estudantes, uma vez que eles mesmos não tinham assistido aos cursos de Saussure.

Em 1922 se publica uma coletânea de textos, editada por Charles Bally e Léopold Guatier, mas que não contém *nenhum documento de linguística geral*. Esse livro reúne o *Mémoire* de Leipzig, a tese de Saussure sobre o genitivo em sânscrito, bem como a maior parte dos artigos que ele publicara em vida.

Nenhuma outra publicação vem à luz durante mais de trinta anos. Em 1954, Robert Godel publica, no número 12 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, pela primeira vez, um conjunto de notas inéditas de Saussure (umas vinte páginas). Mas são apenas trechos colocados um após o outro, cuja fonte não é designada. *A posteriori*, podemos dizer que se trata de algumas anotações de fonologia, alguns fragmentos da *Primeira conferência na Universidade de Genebra* e de trechos de um artigo em homenagem a Whitney, que Saussure redigira em 1894, mas que finalmente não enviara para publicação.

Em 1957, o mesmo Robert Godel publica, no número 15 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, a *Introdução ao segundo curso* e, além disso, uma obra saída de sua tese de doutorado, intitulada *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*. Esta contém trechos de cadernos de estudantes que seguiram os cursos e algumas notas de Saussure, conservadas na Biblioteca de Genebra⁴.

Em 1967 se publica a edição italiana do *CLG*, com o excelente aparato crítico de Tullio De Mauro, aparato crítico que será imediatamente traduzido em francês e que acompanha desde então todas as reedições do *CLG* (mas não necessariamente as traduções em outras línguas, o que é uma lástima). No mesmo ano se dá a publicação da *Edition critique du CLG* por Rudolf Engler, um empreendimento absolutamente monumental. Cada página é organizada de maneira sinótica, em seis colunas: a primeira

⁴ Essa instituição se chamou durante muito tempo Bibliothèque Publique et Universitaire, donde a sigla BPU, geralmente associada aos documentos de arquivo.

retoma em sua sequência a integralidade dos parágrafos do *CLG*, e as cinco outras contêm, acerca de cada passagem, as notas de Saussure então conhecidas e as notas de diversos estudantes, tudo sendo posto em paralelo. Engler se valeu, ademais, das notas do estudante Constantin, que seguiu os cursos II e III, notas que eram desconhecidas dos editores do *CLG*, embora elas tenham se revelado as mais completas. Tudo isso faz da *Edition critique du CLG* um documento de trabalho preciosíssimo, mas que apresenta não obstante o inconveniente de estar estruturado (ainda) *segundo a lógica do CLG*, e não permite, portanto, seguir a lógica de organização própria a cada um dos três cursos dados por Saussure.

Esse “defeito” estará precisamente na origem da publicação entre 1987 e 2007, de um conjunto de obras (entre as quais o número 58 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, que contém o *Cours III* segundo Constantin), cada uma delas consagrada a um único dos três cursos, obras que reproduzem a lógica interna a esses cursos com base em notas de estudantes, principalmente Riedlinger e Constantin.

Paralelamente, desde 1959 e até o presente, os *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, mas também outras revistas e obras, têm publicado regularmente diversas notas, de Saussure ou dos estudantes, cartas de Saussure e outros documentos, transcritos e editados por diversos pesquisadores (Godel, Benveniste, Jakobson, Starobinski, Komatsu, Amaker etc.), que deles oferecem sua própria interpretação e até as integram em sua própria teoria.

Enfim, os manuscritos encontrados em 1996 foram publicados em 2002 e, em seguida, numa edição crítica em 2010 (ver nossa nota 1), sendo a obra de 2002 (*ELG*) a ocasião de uma nova publicação de outras notas de Saussure (*Status et Motus*, *Notes Item* etc.), anteriormente publicadas ou nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* ou em outros lugares. E ainda existem, na Biblioteca de Genebra principalmente, mas também em Harvard, numerosas notas que ainda não foram publicadas.

Esse estado de coisas nos leva a formular duas observações, de ordem ao mesmo tempo histórica e metodológica.

A primeira diz respeito à *distância* que separa a publicação do *CLG* (1916) da publicação progressiva das notas de Saussure e dos estudantes (fim dos anos 1950 e depois). Essa distância coincide evidentemente com a exploração estruturalista de Saussure e com o desenvolvimento dessa corrente; corrente se desenvolveu com base no *CLG* e não com base num conhecimento real e integral da obra saussuriana. São as vicissitudes da história, mas o que é problemático do ponto de vista teórico é que essa distância permitiu a instalação de uma interpretação de Saussure *grosso modo* reduzida a alguns clichês: “a língua é social e a fala é individual”; “a língua é um sistema formal de signos”; “a tarefa da linguística é estudar a língua (e não a fala) em si mesma e por si mesma” etc. etc. Clichês que por vezes são redutores, por vezes simplesmente falsos. Eles são combinados, além disso, com algumas oposições compreendidas como antinomias ou dicotomias *in res*, principalmente: língua/fala, sincronia/diacronia, significante/significado etc. Essas distinções são efetivamente de Saussure, mas frequentemente foram mal compreendidas: como mostra Jean-Paul Bronckart em seu artigo deste número, elas têm em Saussure um estatuto metodológico e não ontológico, pois o mestre genebrino insistia, ao contrário, na *interação permanente*, na *codeterminação* ou ainda na relação *dialética* que mantêm entre si os fenômenos que os pares de termos designam.

Além disso, surgem diversos outros problemas conexos, entre os quais certa confusão *terminológica*, que faz atribuir a Saussure noções e ideias que de fato são de outros linguistas que exploraram a teoria saussuriana. Por exemplo: o termo “paradigma” (e a ideia subjacente) é de Hjelmslev e não de Saussure, pois este analisa os fenômenos em termos de “paralelia” ou “séries associativas” (ver § 2.2, abaixo); a noção de “forma”, muito explorada pelo mesmo Hjelmslev em oposição à de substância, aparece uma única vez no *CLG* (ela, aliás, está ausente do índice) e embora Saussure a utilize também em suas notas, seu sentido e sua função estão bem distantes da famosa oposição “forma/substância” (ver § 2.2, abaixo); o termo “estrutura” é quase ausente nas notas de Saussure e, principalmente, nunca é sinônimo de “sistema”, já que Saussure preferia usar “sistema”, ou ainda “jogo de signos”, para sublinhar sua codeterminação e sua dinâmica sistêmica.

As condições históricas de produção e de exploração da obra saussuriana nos interpelam, portanto, do ponto de vista metodológico, a tomar uma atitude crítica e extremamente vigilante quanto à atribuição ou não a Saussure de certas ideias ou noções.

A segunda observação diz respeito ao fato de que o *corpus* saussuriano está muito *espalhado* espacial e temporalmente, em diversas publicações (das quais só fornecemos aqui as principais referências), tendo cada uma sua lógica própria: lógica do *CLG*, lógica própria a cada curso, etc. Esse *corpus*, ademais, é muito *heterogêneo*, sendo composto do *CLG* em suas diversas versões, de notas de alunos, de notas de Saussure mais ou menos completas, mais ou menos longas e elaboradas, comportando rasuras, reformulações, brancos etc. Isso, evidentemente, coloca problemas metodológicos e filológicos importantes, que às vezes dividem os pesquisadores: que fontes utilizar e como? Devemos ainda nos valer do *CLG* ou, ao contrário, bani-lo? As notas de estudantes são confiáveis, transcrevem o verdadeiro pensamento de Saussure? Deveríamos nos limitar exclusivamente às notas do próprio Saussure? Mas, nesse caso, que precauções filológico-interpretativas tomamos, dado que são rascunhos inacabados, que o autor não considerou dignos de serem publicados? Etc., etc.

Diante dessas questões, três grandes tendências nos parecem atestáveis hoje em dia. Primeira, uma tomada de posição em favor do *CLG*, que tende a minimizar o papel das fontes manuscritas com o argumento de que, afinal de contas, foi com base no *CLG* que a linguística geral se construiu ao longo do século XX e que as fontes manuscritas só são compreensíveis ao custo de um conhecimento dessa obra (ver, por exemplo, TRABANT, 2005⁵). Segunda, uma tomada de posição contrária, segundo a qual o *CLG* deve ser definitivamente rejeitado, em favor da exploração dos manuscritos de Saussure, em particular dos recuperados em 1996 (ver BOUQUET, 2010⁶; RASTIER, 2012). Terceira, uma posição que aceita essa clara rejeição do *CLG* mas que critica também a edição dos *ELG* (ver o *Prólogo* de Amacker in SAUSSURE, 2011) e preconizando, por outro lado, uma edição crítica filologicamente impecável das fontes manuscritas e, por outro, a utilização das notas de alunos e, principalmente, das notas de

⁵ “Assim, [...] o Saussure autêntico, etimológico, verdadeiro, não terá a capacidade de eliminar a potência do Grande Clássico, por mais usurpada e falsa que seja. O Saussure ‘autêntico’ está tragicamente condenado a permanecer como o bobo-da-corte do *Curso*” (TRABANT, *op. cit.*, p. 124).

⁶ “Em suma, o nome próprio de um Ferdinand de Saussure autor do *Curso* pode ser considerado como usurpado. Para lhe fazer justiça, conviria bem mais falar, no caso, de um *Pseudo-Saussure* e de seus *pseudo-editores*”.

Constantino do terceiro curso, como chaves de compreensão do edifício teórico saussuriano (ver GAMBARRA, 2005; MATSUZAWA, 2010; SOFIA, 2012).

Quanto a nós, e como já defendemos (ver BRONCKART, BULEA & BOTA, 2010), consideramos ser inútil e injusto banir e rejeitar o que quer que seja (inclusive o *CLG*) e que é totalmente ilegítimo considerar que as fontes manuscritas estariam condenadas à incompreensão e só serviriam, *in fine*, para reforçar a posição e o poderio do *CLG*. Ao contrário, é preciso, de maneira vigilante, crítica, mas respeitosa da história, *tomar cada tipo de documento pelo que ele é*, recolocá-lo em seu contexto de origem e tentar, na medida do possível, *reconstruir o pensamento saussuriano*, em sua progressão e sua coerência de conjunto – ou seja: assumir a natureza forçosamente *interpretativa* de nosso trabalho de pesquisa e permitir ao “confito de interpretações” que pode decorrer disso fazer viver seu potencial heurístico.

2. O campo do signo

No tocante à problemática do signo, indissociavelmente ligada ao projeto de elaboração de uma *ciência semiológica*, Saussure trabalhou sem cessar para a delimitação/clarificação do que qualificaremos aqui de *campo do signo*: partindo da realidade de que “a língua não abrange toda espécie de sistema formado pelos signos” (*Curso II*, in KOMATSU & WOLF, 1997, p. 7), isto é, que a língua não é o único sistema que mobiliza esse tipo de entidades, tornava-se indispensável, na visão do autor, proceder à análise dessa “espécie semiológica” de conjunto e de cingir no mesmo gesto o domínio científico correspondente. As análises de Saussure relativas a essa problemática comportam duas vertentes que visam, de um lado, identificar as propriedades dos *signos em geral* e esclarecer assim as relações entre a semiologia, a linguística e as outras ciências humanas então em curso de constituição (sobretudo a psicologia e a sociologia); do outro lado, identificar as propriedades irreduzíveis dos *signos da linguagem*, propriedades que justificam a *autonomia* da linguística no concerto das ciências humanas.

Sustentado explicitamente pela orientação interpretativa-reconstrutiva que evocávamos acima, nosso exame da teoria saussuriana do signo levará em consideração esse movimento duplo: assim, examinaremos, num primeiro momento, o estatuto da semiologia na obra saussuriana, bem como as razões da criação, por Saussure, do termo epônimo, o que nos dará a oportunidade de expor as características das entidades semiológicas em geral (§ 2.1); em seguida, abordaremos a questão da natureza do signo linguístico, explicando por que Saussure considera essa entidade como uma “essência dupla e complexa”, o que nos permitirá capturar suas incidências sobre o caráter discreto do signo (§ 2.2); retornaremos, nessa mesma perspectiva, às propriedades de arbitrariedade e linearidade do signo, mostrando algumas interdependências entre ambas (§ 2.3); por fim, examinaremos, para encerrar, o que Saussure chama de “transmissibilidade”, sustentando que esta deve ser considerada como uma propriedade do signo, tanto quanto as outras (§ 2.4).

2.1 O papel da semiologia e o lugar da linguística entre as ciências humanas

Se Saussure foi extremamente sensível à diversidade das línguas, também o foi na mesma medida, sublinhemos isso, à diversidade dos outros sistemas de signos, na qualidade de fenômenos de significância humana universalmente atestáveis. Em toda comunidade humana coexistem, de fato, diversos conjuntos de estruturas e/ou procedimentos semióticos instituídos: além das línguas, trata-se principalmente das

diferentes escritas, da língua dos surdos-mudos, dos sinais marítimos, dos sinais militares, dos símbolos, dos gestos ou atos de polidez, dos ritos, dos costumes etc.

Ocorre em todas as sociedades este fenômeno: para diferentes objetivos, acham-se estabelecidos sistemas de signos que evocam diretamente as ideias que se quer; é evidente que a língua é um desses sistemas e que de todos é o mais importante, **mas não é único e, por conseguinte, não podemos deixar de lado os outros.** Seria preciso, então, fazer a língua entrar nas instituições semiológicas: a dos sinais marítimos por exemplo (signos visuais), os sinais de trombeta militares, a língua por sinais dos surdos-mudos etc. A escrita igualmente é um vasto sistema de signos. (*Cours III*, in Constantin, p. 89)

Todos esses sistemas atestam um real parentesco: eles têm a propriedade de “evocar ideias”, o que suscita o sentimento imediato de que pertencem todos à mesma “ordem de fatos”: “sente-se que se está na mesma ordem de fatos”, afirma Saussure em diversos momentos (ver por exemplo *Cours II*, in KOMATSU & WOLF, 1997, p. 9). Embora pertençam assim à mesma “ordem”, esses fatos se manifestam contudo sob formas muito diversas e, diante dessa situação, conforme a seus princípios metodológicos gerais, Saussure empreendeu inicialmente um *procedimento empírico de comparação*, com vistas a identificar as propriedades que seriam comuns ao conjunto dos sistemas e as que seriam específicas a alguns deles. Esse procedimento é explorado particularmente no curso II (ver KOMATSU & WOLF, 1997, pp. 1-25) e conclui com o evidenciamento de um conjunto de traços suscetíveis de diferenciar os sistemas sob análise, entre os quais: o número de unidades mobilizadas pelos sistemas, que pode ir da dezena ao infinito; a frequência de uso dos sistemas na vida social e sua dependência ou independência para com certas esferas de atividade; as finalidades dos sistemas que, além de suas diferenças, são mais ou menos explícitos e mais ou menos gerais; o fato de que alguns sistemas podem ser objeto de transformações deliberadas ao passo que outros são totalmente refratários a isso etc.

Esse procedimento de comparação dos sistemas foi então posto a serviço de duas reflexões de caráter propriamente *teórico*. A primeira tem a ver com o que constitui a própria natureza dos fatos sob exame: para além do sentimento de semelhança evocado acima, era preciso identificar as verdadeiras razões que justificam sua análise no quadro de uma única e mesma ciência. A segunda reflexão tem a ver com a identificação das características próprias aos sistemas e unidades linguísticas com relação às do conjunto dos sistemas semiológicos. Convém sublinhar que essas duas reflexões se desenvolveram em conjunto, pois sua interpenetração mantém em permanência o procedimento saussuriano num vaivém quase dialético entre linguística e semiologia⁷. E foi justamente nessa articulação permanente que pôde se configurar o “campo do signo” como domínio de teorização e como problemática radicalmente nova, apesar da antiguidade da palavra.

Desse ponto de vista, a caracterização da semiologia proposta no *CLG* só muito parcialmente dá conta da efetiva posição saussuriana. Vamos recordá-la:

Podemos assim conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela formaria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da

⁷ Ver a respeito a análise aprofundada de Fehr (2000), numa obra cujo título, *Saussure entre linguistique et sémiologie*, tematiza precisamente essa situação.

psicologia geral; nós a chamaremos de *semiologia* [...] A linguística é só uma parte dessa ciência geral, as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se verá assim vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (p. 33)

Embora tenha, com efeito, o mérito de sublinhar o caráter não estanque das disciplinas, de pôr em evidência a relação íntima existente entre “vida dos signos” e “vida social” e de confirmar assim a tomada de posição saussuriana geral segundo a qual todo sistema de signos só funciona dentro de um grupo social, essa caracterização não faz jus à maneira como o autor efetivamente tentou delimitar o campo semiológico. A ênfase dada ao encaixamento entre disciplinas (psicologia geral→psicologia social→semiologia→linguística) desconsidera as reais *hesitações* de Saussure quanto à hierarquização delas, a atitude do autor nitidamente mais prospectiva e problematizante, que sobressai com particular nitidez de suas notas e das notas dos estudantes. A recorrência de formulações prudentes (“é da alçada de”, “junto a”, “vinculado a”, “talvez” etc., ver o extrato abaixo) atesta que, para Saussure, faltava esclarecer as relações interdisciplinares da parte dos sociólogos, dos psicólogos e dos próprios linguistas, e isso não *in abstracto*, mas a partir do *reexame dos fenômenos de significância*:

<Não se pode dizer o que será essa ciência dos signos, mas> esse grupo <de ciências semiológicas> tem o direito de existir tanto quanto a própria linguística que julgamos digna de estudo e que reclama seu lugar de antemão. (*Cours II*, in KOMATSU & WOLF, 1997, p. 7)

Caberá aos psicólogos e aos sociólogos fixar seu domínio. A semiologia poderá se colocar junto à psicologia. Em seguida, caberá aos linguistas distinguir as características semiológicas da língua para encontrar seu lugar entre os sistemas semiológicos. (*Curso II, Cahier C* in *CLG-E*, p. 49)

Saussure só pôde empreender esse tipo de exame parcialmente. No entanto, e sempre com base comparativa entre sistemas de signos, conseguiu identificar um conjunto de propriedades que todas as entidades pertencentes à “ordem semiológica” compartilham, propriedades que se dirigem desde logo à “essência semiológica” no sentido amplo. Trata-se principalmente: do caráter necessariamente *duplo* (ou biface) das entidades semiológicas, sem o qual não há entidades dignas desse nome; de sua natureza integralmente *psicossocial* ou não substancial (da ordem do “espírito”); enfim, de seu caráter *diferencial* ou “negativo”. Ilustremos isso a partir de uma análise saussuriana sobre os sinais marítimos: o autor sublinha aí que não são as características físicas dos objetos (ainda que esses objetos as possuam) que são concernidos pela constituição e pelo funcionamento dos signos, mas a *relação psíquica* que se constrói para com esses objetos através de sua *diferenciação* de outros objetos que têm função similar; relação psíquica que lhes confere uma “segunda existência”, propriamente *semiológica*:

Quando um pavilhão flutua no meio de vários outros no mastro de [], ele tem duas existências: a primeira é ser um pedaço de pano vermelho ou azul, a segunda é ser um signo ou um objeto, compreendido como dotado de um sentido por aqueles que o avistam. Observemos as três características eminentes dessa segunda existência:

1º Ela só é em virtude do pensamento que se prende a ela.

2º Tudo o que representa para o espírito o sinal marítimo de uma bandeira vermelha ou azul procede, não do que ela é, não do que se está disposto a associar a ela, mas exclusivamente dessas duas coisas: 1) de *sua diferença* com os outros signos que figuram no mesmo momento, 2) de *sua diferença* com os signos que poderiam ter sido içados em seu lugar e no lugar dos signos que o acompanham. Fora desses dois elementos negativos, se nos perguntarmos onde reside a existência positiva do signo, veremos de imediato que ele não possui nenhuma. (*De l'essence double du langage*, in *ELG*, p. 54)

Ainda que as duas últimas propriedades (caráter psicossocial e diferencial) constituam o “nó” da ruptura saussuriana com relação às concepções anteriores, representacionistas do signo (o famoso *aliquid stat pro aliquo*), a primeira propriedade, isto é, a natureza dupla do signo, levou Saussure a não utilizar o termo “semântica”, a se afastar explicitamente da maneira como essa ciência considerava o fenômeno da significação e a criar o termo *semiologia*. Como se sabe, tinha se constituído uma “ciência das significações” na Alemanha na primeira metade do século XIX. Mas é principalmente a Michel Bréal (1897) que cabe o mérito de tê-la fundado e desenvolvido na França e de ter dado a ela o nome de *Semântica*, definida como o contraponto da fonética: “*Sêmantikê technê*, a ciência das significações, do verbo *sêmainô*, ‘significar’, por oposição à *Fonética*, a ciência dos sons” (BRÉAL, 1897, p. 8, nota 1). Apesar de toda a sua consideração por Bréal e seu trabalho, Saussure só podia recusar uma semântica assim definida, assim como a aceção de significação proposta nesse quadro, em razão do *pano de fundo dualista* sobre o qual repousava a constituição mesma dessa disciplina. Segundo ele, tal abordagem cindia radicalmente os domínios dos sons e do sentido, ou porque só conduz a impasses (ver abaixo as críticas saussurianas da língua como “nomenclatura”) ou porque, no melhor dos casos, só pode mobilizar pontos de vista parciais, às vezes chamadas “analíticos”, incapazes de dar conta da natureza da língua: “Nós dizemos que não existe morfologia nenhuma fora do sentido, ainda que a forma material seja o elemento mais fácil de seguir. Portanto, para nós existe menos ainda uma *semântica* fora da forma!” (*ELG*, p. 108). Como se vê, Saussure evidentemente não rejeita o estudo do fenômeno de significação, mas recusa fundamentalmente o postulado de que esta seria apreendível em si mesma, ou ainda “por pedaços”, seja num dado momento seja em sua evolução: “não digo que existe uma história das significações porque isso decididamente não significa nada” (*ELG*, P. 41).

Ressaltemos ainda que, além de ser uma disciplina nascente, a semiologia foi para Saussure uma verdadeira *via de reflexão*, o meio para abordar uma nova conceitualização dos signos que estivesse apta a dar conta simultaneamente da natureza *dupla* dos signos – característica que outros fatos psicológicos ou sociais parecem não apresentar – e de sua natureza eminentemente *psicossocial*. É essa via de reflexão que ele rotula de “sintética” em oposição à “via analítica” e que terá ensinado e adotado desde o *Mémoire*, ao longo de toda a sua carreira científica:

Para se atribuir um lugar à linguística, não se deve tomar a língua por todos os seus lados. É evidente que desse modo diversas ciências (psicologia, fisiologia, antropologia, gramática, filologia etc.) poderão reivindicar a língua como seu objeto. **Toda via analítica portanto jamais levou a nada. Nós seguiremos uma via sintética.** [...] Será tão difícil? Não é evidente que antes de tudo a língua *é um sistema de signos* e que é preciso recorrer à ciência dos signos, que nos faz

conhecer em que podem consistir os signos, suas leis etc.? (*Cours II*, in KOMATSU & WOLF, 1997, p. 7)

2.2 O signo linguístico: uma essência dupla, marcada pela complexidade e pela dinamicidade

Ao reexaminar as concepções do signo linguístico então disponíveis, Saussure formula um conjunto de críticas acerca delas, considerando-as insatisfatórias quando não errôneas, em razão principalmente de suas bases teóricas e epistemológicas. Suas críticas mais radicais se dirigem, como se sabe, às concepções naturalistas de obediência schleicheriana; mas também se dirigem às abordagens convencionalistas tradicionais ou à concepção da língua como “nomenclatura”; e, mais ainda, ao convencionalismo desenvolvido por Whitney. Sempre enfatizando que esse autor é o único erudito que teve uma visão “justa” sobre a linguagem, que é o primeiro a ter oferecido a generalização que os comparatistas não souberam estabelecer, Saussure critica diversos aspectos da abordagem whitneyana, marcada pela tese de uma disjunção “natural” entre as duas faces do signo, que desde logo evoluíram e se transformariam no tempo *independentemente uma da outra*:

Whitney, *Gramática do sânscrito*, p. 41:

Ao tratar separadamente o tema duplo das modificações de formas e das modificações de sentidos nas palavras, não criamos de modo algum uma divisão artificial e só fazemos reconhecer distinções naturais...

Mergulhamos num profundo devaneio ao ver comparadas, em obras sérias (exemplo Whitney), essas duas espécies de mudança no tempo:

- a) uma palavra muda de significação;
- b) uma palavra muda de forma (ou de som), enfim, muda materialmente.

Seria preciso retomar tudo, e não se sabe por que lado começar. Seria preciso, entre mil coisas, perguntar o que é uma palavra (no tempo), se ela pode mudar de forma e de significação e, desde logo, o que significa a afirmação *úncia qu[]* (*ELG*, p. 40)

Saussure considera que o problema da mudança linguística não pode ser levantado sem se interrogar a natureza daquilo que muda; e no que tange a esta, ele tentará esclarecer aquilo que, em matéria de linguagem, pode constituir uma *dupla natureza por essência*, ou ainda aquilo que constitui a natureza semiológica dos signos linguísticos. O manuscrito *De l'essence double du langage* é sintomático da concentração de Saussure sobre essa problemática, que se traduz (também) por um trabalho de reconstrução radical das noções tradicionais (*forma, ideia, signo, significação* etc.); reconstrução que prosseguirá nos cursos, até a elaboração, no curso III, das noções de *significante* e de *significado*.

Rompendo com toda concepção dualista da linguagem, Saussure substitui inicialmente a oposição tradicional “forma vs. sentido” a distinção entre *figura vocal* de um lado e *forma-sentido* do outro, considerando que “é falso (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido* [e que] o que é justo em contrapartida é opor a *figura vocal* de um lado e a *forma-sentido* do outro” (*ELG*, p. 17). Do ponto de vista metodológico, essa nova distinção visa anular dois tipos de reduções que o autor recusara em diversas ocasiões: de um lado, a redução da vertente sonora das entidades linguísticas a fenômenos físicos; do outro, a redução do caráter psíquico da língua somente às ideias ou significações: “nosso ponto de vista constante será o de dizer que não somente a significação mas

também o signo é um fato de consciência puro” (*ibid.*, p. 19). Se rompe assim definitivamente com toda definição psicofísica do signo, essa mesma oposição introduz também, e *simultaneamente*, a diferenciação entre “simples” ou não combinado e “complexo” ou combinado. As *figuras vocais*, ou os sons em sua fisicalidade, pertencem, tendo em vista a língua, a um domínio “simples” uma vez que os elementos que os constituem *não são enquanto tais associados a sentido ou a ideia*, já que essas figuras vocais permanecem desse modo externas à ordem semiológica da língua. Em contrapartida, os fenômenos internos, qualificados de *forma-sentido*, se apresentam de saída e *exclusivamente* como elementos “complexos”, ou compostos, uma vez que só existem em virtude de uma união, de uma associação⁸.

No plano teórico, Saussure visa, de fato, através da problematização da dualidade, conceitualizar uma forma de unidade ou um *tipo de entidade* que seja coerente embora não simples. Essa conceitualização requer um trabalho tão complexo quanto o tipo de entidade de que se trata, e o autor recorre, para ilustrar sua proposta, a metáforas entre as quais sobretudo a da constituição do ar ou da água. Por seu pertencimento ao domínio material, essas duas entidades são evidentemente muito diferentes dos signos, mas o exame das modalidades de sua composição pode ainda assim fazer compreender o teor das propriedades e do processo de combinação em jogo na constituição de entidades complexas:

Os elementos primários sobre os quais incide a atividade e a atenção do linguista são portanto, não somente, de um lado, elementos complexos, que é errado querer simplificar, mas, do outro, elementos *destituídos* em sua complexidade de uma unidade natural, não comparáveis a um corpo simples químico nem tampouco a uma combinação química, muito comparáveis, em contrapartida, a uma *mistura química*, tal como a mistura do azoto e do oxigênio no ar respirável; **de maneira que o ar não é mais ar se dele retiramos o azoto ou o oxigênio**, que entretanto **nada liga a massa de azoto difundida no ar à massa de oxigênio**, que, em terceiro lugar, cada um desses elementos só é sujeito a classificações diante de outros elementos da mesma ordem, mas que já não se trata de ar se se passa a essa classificação e que, em quarto lugar, a **mistura deles não é impossível de classificar por seu turno**. (*ELG*, P. 18)

Poderíamos comparar a entidade linguística a um corpo químico composto, como a água, onde há hidrogênio e oxigênio <(H₂O)>. Decerto, a química, embora separe os elementos, tem o oxigênio e o hidrogênio, mas fica-se na ordem química. **Ao contrário, se decomposmos a água linguística <tomando o hidrogênio ou o oxigênio>, abandonamos a ordem linguística <(não se tem mais entidade linguística)>**. (*Cours III*, in CONSTANTIN, p. 224)

Uma das características irredutíveis da ordem dos signos é, assim, comportar exclusivamente entidades complexas, de modo que o processo de associação se torna a condição *sine qua non* da existência mesma dessa ordem: “Ora, o fenômeno primordial da linguagem é a associação de um pensamento a um signo” (*ELG*, p. 47), “ou seja, é a associação mesma que faz a palavra, e fora dela não há nada mais” (*ibid.*, p. 93).

⁸ No conjunto do manuscrito *De l'essence double*, o termo “associação” é utilizado na acepção de união ou de combinação entre os dois componentes do signo, e não para designar as (futuras) “séries associativas”, que Saussure qualifica nesses escritos de “paralelia” (ver *ELG*, pp. 62-63).

Opondo-se à concepção nomenclaturista da língua, Saussure sustentou também que os signos não têm nenhum fundamento exterior à linguagem, quer se trate de objetos físicos ou de ideias predelimitadas; e mostrou que, sempre sendo duplos, os signos não resultam de modo algum da associação entre um elemento físico e um elemento psíquico propriamente falando. Os signos são entidades *integralmente psíquicas*, que não repousam na intercorrespondência biunívoca de entidades pré-organizadas – ainda que psíquicas –, mas que se constituem através de *processos* de diferenciação-associação:

FORMA = Não uma certa entidade *positiva* de uma ordem qualquer, e de uma ordem simples; mas **a entidade ao mesmo tempo *negativa e complexa***: resultante (sem nenhuma espécie de base material) da *diferença* com outras formas COMBINADA com a *diferença* de significação de outras formas. (ELG, p. 36)

Mas esse caráter puramente diferencial-associativo confere todavia aos signos uma *realidade* e uma modalidade de *individuação*:

[...] o papel <característico> da linguagem diante do pensamento não é o <de ser> um meio fônico, material mas o de criar um ambiente intermediário de tal <natureza> que o compromisso entre o pensamento e o som **deságua de maneira inevitável em unidades <particulares>**. (*Cours II*, in KOMATSU & WOLF, 1997, p. 21).

O terreno da linguística é o terreno comum <que poderíamos chamar num sentido muito amplo de o terreno> das articulações, **isto é, dos “articuli”, dos pequenos membros nos quais o pensamento toma consciência** <(valor ? B.)> por um som. <Fora dessas articulações, dessas unidades, ou se faz psicologia pura (pensamento) ou fonologia (som).> (*Cours II*, in KOMATSU & WOLF, 1997, p. 22)

Essa modalidade de individuação, certamente, é particular, pois essencialmente *correlativa*: reside na *codeterminação* dos componentes dos signos – qualificados inicialmente de “formas” e de “sentidos” (ou “significações”) e, no final do terceiro curso, de “significantes” e de “significados” – *no ato mesmo de sua união*. Mas isso implica que os signos assim gerados são apenas, desde logo, produtos temporários e frágeis, cuja unidade, por seu turno, é resultante apenas de quatro termos e três relações, perpetuamente e simultaneamente *ativos*: as relações diferenciais das formas entre si; as relações igualmente diferenciais das significações entre si; enfim, as relações associativas entre formas e significações:

Somos sempre reconduzidos aos **quatro termos irreduzíveis e às três relações irreduzíveis** entre eles **formando um único todo para o espírito**: (um signo / uma significação) = (um signo / e um outro signo) e ademais = (uma significação / uma outra significação). [...]

Mas na realidade não existe na língua nenhuma determinação nem da ideia nem da forma; **não há outra determinação que não a da ideia pela forma e a da forma pela ideia**. [...]

Eis o que chamamos de **o QUARTÊNION FINAL** e, considerando os quatro termos em suas relações: a tripla relação irreduzível. (ELG, p. 39)

Esse “quartênion” integralmente psíquico constitui a alternativa que Saussure opõe à dualidade tradicional “forma vs. sentido” e à relação biunívoca, potencialmente estática, postulada tradicionalmente entre os componentes do signo assim concebido. Mas se admitirmos, com Saussure, que esse ser quádruplo constitui, sim, uma só entidade, trata-se então de uma entidade necessariamente: (i) instável, dinâmica, pois contém em si mesma o mecanismo que a gera; (ii) frágil, pois suas concretizações são moventes e transformáveis indefinidamente; (iii) determinada, mas sempre provisoriamente, pois sua delimitação nunca é senão o produto de codeterminações sistêmicas contingentes. O caráter discreto do signo deve assim ser compreendido como uma propriedade necessariamente presente (há sempre individuação por codeterminação), mas também necessariamente movente no plano de seus resultados concretos, pois esses resultados se modificam ao azar das evoluções da língua e do uso desta.

2.3 Arbitrariedade e linearidade dos signos linguísticos: sua interação no valor linguístico

A arbitrariedade do signo, em sua acepção de vínculo imotivado entre as duas instâncias que ele une, tinha sido evidenciada pelos convencionalistas da Antiguidade grega, sobretudo por Aristóteles. Se ela designa, também em Saussure, a ausência de afinidade natural entre a face “conteúdo” e a face “expressão” do signo, ao mesmo tempo ela sofre um notável deslocamento, na medida em que diz respeito, de acordo com as análises precedentes, a entidades exclusivamente *psíquicas*. O caráter imotivado do signo, desde logo, já não diz respeito à imotivação da aplicação das palavras a objetos, mas tem a ver com a construção da “palavra” mesma, enquanto entidade dupla pertencente à esfera psíquica. A imotivação de que se trata aqui diz respeito à relação entre duas espécies de produtos psíquicos em curso de codeterminação: a “forma” (ou a marca psíquica dos sons) e a “ideia”; ou, segundo os termos do *CLG*, a imagem acústica e o conceito:

não existe imagem vocal alguma que responda mais do que outra ao que ela está encarregada de dizer (*ELG*, p. 219).

Não somente os dois domínios religados pela fato linguístico são confusos e amorfos, como a escolha que chama tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária. (*CLG*, p. 157)

Já que “a escolha” de uma porção acústica para uma ideia não é em nada predeterminada, a associação geradora de unidades semióticas se realiza e se estabiliza necessariamente sob forma *social, convencional*, sem o quê as unidades (por mais que possam se constituir ou por mais que o humano tenha necessidade delas) permaneceriam como produtos idiossincráticos e a comunicação seria impossível. Mas, dada a delimitação correlativa dos componentes dos signos (ver as análises propostas em 2.2 acima), esse caráter social-convencional deve, de fato, ser estendido à estruturação do sistema em seu conjunto, e sobretudo ao estabelecimento dos “limites” configuradores dos signos:

Não existe *a* forma e uma ideia correspondente; tampouco há *a* significação e um signo correspondente. Há *formas* e *significações* possíveis (de modo algum correspondentes); há mesmo somente na realidade *diferenças* de formas e *diferenças* de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de *diferenças* (por conseguinte de coisas já negativas em si mesmas) só existe como diferenças graças à união com a outra. (*ELG*, pp. 42-43)

Compreende-se então o fundamento teórico da realidade, verificável sem cessar empiricamente (e os tradutores o sabem melhor que ninguém!), dos “recortes” tão diferentes, ou *radicalmente arbitrários*, que as línguas propõem da ordem mundana:

Enfim, é quase desnecessário dizer que a diferença dos termos que faz o sistema de uma língua não corresponde em nada, ainda que na língua mais perfeita, às relações verdadeiras entre as coisas; e que por conseguinte não há razão alguma de esperar que os termos se apliquem completamente ou mesmo muito incompletamente a objetos definidos, materiais ou outros. (ELG, p. 76)

Se “a diferença dos termos que faz o sistema” não repousa nas relações entre as coisas, ela tampouco repousa no preestabelecimento de unidades lógicas, pois:

Se as palavras estivessem encarregadas de representar conceitos **dados de antemão**, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; ora, nada menos verdadeiro. O francês diz indiferentemente *louer (une maison)* [alugar (uma casa)] para “oferecer em aluguel” e para “tomar em aluguel”, lá onde o alemão emprega dois termos: *mieten* e *vermieten*; portanto, não há correspondência exata dos valores. (CLG, p. 161)

Mais e melhor ainda, a diferenciação dos termos escapa totalmente ao controle racional, a toda regra lógica, como Saussure não deixa de repetir, o que instaura o caráter social da estruturação semiótica como intrínseca à organização dos signos e do sistema, organização que não é, assim, nem um reflexo das relações entre as coisas, nem “à imagem de nossa razão individual”:

porque com efeito nada garante mais a partir do momento em que o sistema de signos pertence à coletividade que seja uma razão interior, uma razão feita à imagem de nossa razão individual, que vai continuar a governar a relação do signo e da ideia. Não sabemos mais que força e que lei (forças e lei ou por que leis no plural) vão ser misturadas à vida desse sistema de signos, não podemos saber, adivinhar, antes precisamente de tê-las estudado, observado por um estudo profundamente diferente do que consiste em representar as condições *normais ou puramente racionais* do signo diante da ideia (segundo uma medida racional, []). (ELG, p. 289)

Essa contingência da estruturação funda a autonomia de cada língua na medida em que cada sistema se organiza numa codependência, socialmente gerida, dos signos entre si: estes compartilham necessariamente mas aleatoriamente a “matéria” a representar/comunicar. A dimensão de arbitrariedade radical ultrapassa e prolonga a imotivação do vínculo semiótico, dirigindo-se precisamente à formatação dos signos no interior de um sistema e conferindo-lhes autonomia para com os objetos referidos e sua organização no mundo, assim como para com o funcionamento psicológico estritamente falando. Disso decorre que é apenas relativamente ao sistema da língua que as noções de *significante* e *significado* ganham sentido verdadeiro: por um lado, *significante* e *significado* são, cada um, produtos socialmente organizados e, portanto, não equivalentes às imagens acústicas, respectivamente ao conceitos, que permanecem produtos psicológicos; por outro lado, essas duas entidades só podem ter estatuto em virtude da unidade-signo em sua totalidade.

Sabemos que o caráter arbitrário, sistêmico e social dos signos é o fundamento da definição destes enquanto *valores*; mas convém sublinhar que para essa definição concorrem de fato arbitrariedade e linearidade dos signos, já que Saussure sustenta e demonstra que a ordem na qual aparecem os componentes do signo era tão importante para o estabelecimento do sentido quanto os componentes mesmos. A linearidade do signo, e a dimensão *temporal* que ela implica, parece-nos, deste ponto de vista, em estreita interação com a propriedade de arbitrariedade dos signos.

Apoiando-nos nas reflexões de Saussure acerca da “uni-espacialidade dos semas” (ELG, pp. 101-119), sublinharemos que a temporalidade é uma dimensão *constitutiva* do signo que afeta não somente sua realização efetiva na fala ou discurso, mas *sua estrutura mesma*. Saussure mostra que “a particularidade da palavra é a de ser um sema coligível, mas repousando na sucessão das sílabas” (ELG, p. 110) que vão sempre na mesma direção ou que são temporamente uni-direcionadas. Em outros termos, o significante justapõe numa sequência “coligível *fazendo um todo*” uma sucessão de sons, de tão sorte que o signo, como unidade (e não só o significante), tem a propriedade de se uni-espacializar ou de reabsorver a linearidade dentro da simultaneidade. Essa linearidade contudo subsiste, porque a simultaneidade uni-espacial não implica nem a destruição da sequência coligível (ou do significante), nem a desordem fonêmica. Isso se traduz principalmente pelo fato de que a linearidade se mantém como um fator discriminativo entre os semas, mesmo fora de sua manifestação discursiva. Por exemplo, a diferenciação intrassistêmica entre termos como “ensinar” vs. “ensinamento”, ou “omnes” vs. “omnia”, sempre repousando em si sobre os mesmos mecanismos de julgamento que a diferenciação entre “ensinamento” e “ignorância”, explora *a forma linear da temporalidade como fator discriminativo*, eventualmente em conjunto com a atribuição de uma função a essa mesma diferença linear. O fator “tempo” não intervém portanto só no proferimento concreto do signo: o signo como unidade é tributário ao mesmo tempo em que é portador de uma *tensão temporal*, gerada pela coexistência em seu âmago do linear e do “instantâneo” (ou do uni-espacializado). Em outros termos, mesmo que a linearização só se manifeste no discurso, nem por isso o signo “esquece” a *qualidade* linearmente temporal do significante, que permanece ativa para além e independentemente de sua concretização.

Desse ponto de vista, as duas modalidades de coordenação dos signos, sintagmática e associativa, retomam e prolongam essa propriedade temporal no nível das relações entre unidades, com uma diferença, porém, devida ao fato de que o sintagma não é “uma sequência recoligível fazendo um todo” da mesma qualidade que o significante. Como o significante, a organização no sucessivo próprio das coordenações sintagmáticas explora a temporalidade linear, ao passo que as relações associativas a transgridem, inclusive no plano das regras de organização, caracterizando-se assim por uma “uni-espacialização” de um outro nível, que tem a ver com a pluralidade de trajetórias associativas simultâneas. A submissão à temporalidade linear das correlações ditas *in praesentia* (sintagmáticas) se manifesta concretamente como obrigação de alinhamento e requer a adoção/construção de uma “solução” entre as possíveis, sempre respeitando as regras de organização estabelecidas pela comunidade. O valor do signo é gerado contextualmente, através das relações que esse signo mantém com os que o circundam imediatamente. O regime das correlações dito *in absentia* (associativo) repousa do desprendimento da temporalidade linear e da organização que lhe é própria, sendo o valor do signo gerado por sua posição enquanto nóculo de bifurcações plurais, simultâneas e virtuais. Ora, como observa Fehr, a “ausência” das séries associativas

com relação ao sintagma concreto é sempre também “presença”, na medida em que “a virtualidade dessas séries latentes fluuando em torno dos termos presentes na série sintagmática contribui para a determinação e o reconhecimento desta” (FEHR, 2000, p. 155). O signo existe indissociavelmente nas duas esferas, e cada uma de suas manifestações enquanto “elo” pertencente a uma trajetória linear atualiza sua qualidade de “elo” de bifurcações associativas. Dupla existência, ou “jogo” incessante em virtude do qual o signo vale em permanência.

2.4 A transmissibilidade dos signos

Retornemos, para encerrar, à *continuidade* da língua postulada por Saussure desde as *Conferências* de 1891 (ver 1.2 acima): por que razão a mudança linguística não procede por rupturas radicais e divisões periódicas? Qual é o substrato dessa “absoluta continuidade” da língua conjuntamente à sua *transformação* incessante no tempo? Por que, uma vez estabelecida a convenção, ela não se mantém imperturbavelmente e eternamente? A resposta a essas perguntas se baseia essencialmente no princípio da arbitrariedade, mas também mobiliza uma outra propriedade do signo, fortemente tematizada como tal por Saussure: *a transmissibilidade e/ou a transmissão*.

Embora presente no *CLG*, essa noção de transmissão não tem ali contudo o mesmo *status* que nas notas saussurianas. Alguns dos aspectos que ela recobre são, sem dúvida, dedutíveis do *CLG*, mas desde que se conceba como um todo temporalizado e funcional, signo, arbitrariedade, imutabilidade e mutabilidade. Com efeito, se a convenção social pode ser considerada ao mesmo tempo como um fator de conservação, de estabilidade e de resistência à inovação e como o suporte da alteração dos signos devida ao deslocamento da relação entre significado e significante, essa discussão só tem sentido e só pode ser logicamente concebida tendo em vista a *circulação e a transmissão dos signos* (e das línguas) no tempo. Nessa perspectiva, porém, a transmissão aparece ora como um processo diacrônico (as línguas se transmitem de uma geração para outra), ora como a “prova” do tempo que advém ao signo do exterior, ou ainda como um atributo funcional pós-elaborado tendo em vista a elaboração dos próprios signos; o que é redutor com relação ao que Saussure parece querer conceitualizar através dessa noção. Nas notas, a noção de transmissão tem todo um outro estatuto: ela se revela ali como uma verdadeira propriedade do signo. Ela não designa nem um movimento provocado por uma força externa que se exerceria sobre o signo, nem um funcionamento independente de sua estrutura, mas sim um processo permanente, vinculado à missão ou ao “destino” interativo dos signos:

Será a reação capital do estudo da linguagem sobre a teoria dos signos, será o horizonte sempre novo que ela terá aberto [] o fato de ter-lhe ensinado e revelado *todo um lado novo do signo*, a saber, que ele só começa a ser realmente conhecido quando se viu **que ele é uma coisa não somente transmissível, mas por sua natureza destinado a ser transmitido, 2º modificável**. Somente para aquele que quer fazer a teoria da linguagem, é a complicação centuplicada [] (*ELG*, p. 220)

“Todo um lado novo do signo” e “complicação centuplicada”, com efeito, pois a transmissão dos signos é um modo específico de circulação, o das entidades *negativas e diferenciais*. Isso implica que toda interação verbal é necessariamente uma transformação dos signos, que não se deve nem à absorção passiva nem à criação *ex nihilo*, nem à reconstituição idêntica de uma unidade original. Nisso, a transmissão é indissolúvelmente ligada ao caráter social/convencional do signo, e dota essa entidade de uma (perpétua) “segunda vida”:

O que há de particular no signo *convencional* é que as disciplinas que podiam se ocupar dele não se deram conta de que esse signo era 2º) *transmissível* e, por isso, dotado de uma segunda vida, da qual se pode dizer que essas disciplinas (assim como o público em geral) não têm nenhuma espécie de noção (ELG, p. 229).

Como sobressai das análises precedentes, o signo não tem nenhuma ancoragem externa, sua base de constituição não é nem substancial nem ideal, mas eminentemente social, e sua identidade não é outra senão a identidade *de suas execuções*, uma identidade desde logo eminentemente *plural e interativa*⁹. Mas assim como o signo não tem uma origem única, a convenção também não se deve a um momento fixo, originário e fundador (o do estabelecimento do acordo) e que seria diferente e antecedente à circulação dos signos: “o contrato primitivo se confunde com o que se passa todos os dias na língua”, dirá Saussure (ELG, pp. 288-290). É precisamente esse aspecto fundamental que é visado pela transmissão do signo: além de sua qualidade social, a convenção que o constitui é uma espécie de “permanência social em circulação”, em virtude da qual os signos são reconstruídos e sentidos como idênticos porque congruentes ou diferentes dos outros, para além de sua irreduzível não coincidência:

Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser o termo sobre o qual é fixado o signo, a linguística deixaria instantaneamente de ser o que é, do topo até a base; e o espírito humano no mesmo gesto, como é evidente a partir dessa discussão. [...] É lamentável sem dúvida que se comece por misturar aí como um elemento primordial esse dado dos *objetos designados*, os quais não formam aí nenhum elemento que seja. [...] Mais grave é o segundo erro em que incorrem geralmente os filósofos e que é representar para si:

2º que uma vez um objeto designado por um nome, eis um todo que vai se transmitir, sem outros fenômenos a prever! (ELG, pp. 230-231)

Na perspectiva saussuriana, convenção e circulação dos signos não se sucedem, elas se superpõem e, nisso, a transmissão anula, a nosso ver, toda defasagem entre estruturação do signo e comunicação: os signos só emergem e se realizam na interação, enquanto permanente confronto/negociação de sua própria produção. A transmissão designa desde logo a propriedade do signo de integrar sua circulação no interior de sua (re)estruturação mesma: o signo não se transmite ao modo de um objeto material que seria dado, recebido, intercambiado sem (possibilidade de) modificação de suas propriedades internas, pois sua transmissão é necessariamente um perpétuo (re)estabelecimento de valor:

[...] constatemos de imediato a inteira insignificância de um ponto de vista que parte da relação de uma ideia de um signo fora do tempo, fora da transmissão, que só nos ensina (experimentalmente) o que vale o signo. (ELG, p. 231)

A transmissão terá ensinado assim a Saussure “o que vale o signo”; e a imensa audácia da teoria saussuriana foi a de postular, *in fine*, nos fundamentos da construção da consciência humana (ver BRONCKART, 2003 e 2010), uma unidade semiológica dinâmica, duplamente transitória: em trânsito social e/ou interativo, por um lado, pois seu destino é “correr entre os homens” (ELG, p. 94); em trânsito temporal, por outro, pois o signo é sempre entre o que terá sido na véspera e o que será no dia seguinte...

⁹ Para retomar a bela fórmula de Fehr (2000), não existe um original dado em si e cópias desse original, mas uma série de versões distintas.

Referências bibliográficas

- BALLY, Charles & GAUTIER, Léopold (Org.). *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genève : Sonor, 1922 [réimpression Slatkine, 1984].
- BÉGUELIN, Marie-José. La méthode comparative et l'enseignement du Mémoire. *Cahiers de l'Herne – Saussure*, 76, p. 150-164, 2003.
- BERGOUNIOUX, Gabriel. La phonologie comme morphologie. In BRONCKART, J.-P., BULEA, E. & BOTA, C. (Org.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève : Droz, 2010, p. 105-124.
- BOUQUET, Simon. Du Pseudo-Saussure aux textes saussuriens originaux. In BRONCKART, J.-P., BULEA, E. & BOTA, C. (Org.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève : Droz, 2010, p. 31-48.
- BREAL, Michel. *Essai de sémantique*. Paris : Gérard Monfort, 1982 [Edition originale : 1897].
- BRONCKART, Jean-Paul. L'analyse du signe et la genèse de la pensée consciente. *Cahiers de l'Herne – Saussure*, 76, p. 94-107, 2003.
- BRONCKART, Jean-Paul. L'oeuvre saussurienne et les sciences de l'homme. In BRONCKART, J.-P., BULEA, E. & BOTA, C. (Org.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève : Droz, 2010, p. 337-350.
- BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterina & BOTA, Cristian. Introduction. Pour un réexamen du projet saussurien. In BRONCKART, J.-P., BULEA, E. & BOTA, C. (Org.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève : Droz, 2010, p. 7-20.
- BULEA, Ecaterina. Est-ce ainsi que les signes vivent ? *Texto ! [en ligne]*, Vol. X, N° 4, 2005, <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=1774>> [accès le 24 avril 2013]
- BULEA, Ecaterina. La nature dynamique des faits langagiers, ou de la « vie » chez Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 59, p. 5-19, 2006.
- BULEA, Ecaterina. Réflexions sur et pour une didactique de la linguistique (saussurienne). In AVANZI, M., CONTI, V., CORMINBOEUF, G., GACHET, F., JOHNSEN, L.-A. & MONTCHAUD, P. (Org.). *Enseignement du français : les apports de la recherche en linguistique. Réflexions en l'honneur de Marie-José Béguelin*. Berne : Peter Lang, à paraître.
- CONSTANTIN, Emile. Linguistique générale. Cours de M. le professeur F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58, p. 71-289, 2005.
- GAMBARARA, Daniele. Un texte original. Présentation des textes de F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58, p. 29-42, 2005.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites de Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève : Droz, 1957.
- FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris : PUF, 2000.
- KOMATSU, Eisuke & WOLF, Geroge (Org.). *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Oxford/Tokyo : Pergamon, 1997.

MATSUZAWA, Kazuhiro. Le “décousu” du troisième sours de linguistique générale et le cercle herméneutique. In BRONCKART, J.-P, BULEA, E. & BOTA, C. (Org.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève : Droz, 2010, p. 61-78.

SAUSSURE, Ferdinand (de). *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. In BALLY, Ch. & GAUTIER, L. (Org.). *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genève : Sonor, 1879/1922, [réimpression Slatkine, 1984], p. 1-268.

SAUSSURE, Ferdinand (de). *Cours de linguistique générale*. Paris : Payot, 1916/1995 [Introduction et notes de T. De Mauro].

SAUSSURE, Ferdinand (de). *Cours de linguistique générale*, édition critique par Rudolf ENGLER. Wiesbaden : Harrassowitz, 1968 [abrégé CLG-E].

SAUSSURE, Ferdinand (de). *Ecrits de linguistique générale*. Paris : Gallimard, 2002 [abrégé ELG].

SAUSSURE, Ferdinand (de). *Science du langage. De la double essence du langage*. Genève : Droz, 2011 [édition établie par R. AMACKER].

SOFIA, Estanislao. Problèmes philologiques posés par l’œuvre de Saussure. *Langages*, 185, p. 35-50, 2012.

RASTIER, François. Lire les textes de Saussure. *Langages*, 185, p. 7-20, 2012.

TRABANT, Jürgen. Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes item sur l’étymologie saussurienne. *Langages*, 159, p. 111-124, 2005.